ARTE CONTEMPORÂNEA E APRENDIZAGEM

COSETE FREITAS DA SILVA GAMA

RESUMO

O trabalho em questão aborda a Arte Contemporânea na educação. Contudo, considerou-se pertinente analisar como esta área do saber ganhou status de disciplina através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394/1996. Para estudar o tema desta investigação, utilizaram-se os estudos de autores que se dedicaram a estudar sobre esta temática, como Ana Mãe Barbosa que aborda a temática de maneira reflexiva e complexa. Nesse rol de particularidades, encontra-se a necessidade de se ampliar, nas crianças, a compreensão do mundo a partir do conhecimento da linguagem, da matemática, da natureza e da sociedade, além da incumbência de promover sua formação pessoal e social, a partir do desenvolvimento da sua identidade e autonomia, além de noções sobre música, artes visuais e movimento. Neste contexto, a linguagem artística adquire um caráter significativo na escola uma vez que sua produção envolve tanto os aspectos cognitivos quanto os aspectos afetivos, intuitivos, sensíveis e estéticos. A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Aprendizagem; Linguagem Artística.

INTRODUÇÃO

A Arte é uma disciplina muito importante para o desenvolvimento da criança. Através de suas diferentes áreas: teatro, música, dança e artes visuais é possível estimular os sentidos, as capacidades motoras, emotivas e imaginativas, contribuindo para com o processo de socialização da criança. Entretanto, para que tais potencialidades sejam efetivadas é importante que as experiências em Arte sejam significativas e ancoradas em fundamentos teóricos e metodológicos coerentes com estes objetivos.

Quando pensamos em Arte, não podemos deixar de reconhecer que ela está presente na vida do homem desde os primórdios da civilização, constituindo-se em um dos principais fatores de humanização e instrumento de manifestação da criatividade humana ao interagirem com o mundo em que vivem para conhecer esse mundo e a si mesmo.

A escolha do tema traz como relevância o espaço de construção de conhecimento. As reflexões construídas no trabalho estão baseadas em ideais que vão além das preocupações alienantes e individualistas do currículo tradicional e buscam uma prática diferenciada, reflexiva e crítica que tenha como objetivo final e comum o desenvolvimento por parte do aluno de um olhar mais sensível e crítico frente ao objeto de conhecimento.

Mais do que desenvolver um trabalho que sintetize os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso, este tema propicia um momento onde é possível voltar o olhar para a própria prática e perceber nela elementos que devem ser “aperfeiçoados”, condição fundamental para melhores resultados nas aprendizagens dos alunos.

Com relação aos caminhos metodológicos, este trabalho caracteriza-se como uma revisão de literatura, entendidos como:

(...) estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado da arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada (Noronha e Ferreira, 2000, p. 191).

E desta forma, realizou-se uma pesquisa bibliográfica “feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web” (FONSECA, 2002, p. 32), incluindo ainda monografias. A partir disso, fichas bibliográficas foram cuidadosamente registradas, onde constaram o nome do autor, ano, título e assunto abordado em cada obra consultada. Que em seguida, iniciou-se o processo de estudálo em sua profundidade, utilizan-

do-se a técnica de leitura analítica, de modo a compreender a mensagem dos diferentes autores consultados e realizar um julgamento sobre os mesmos.

O SURGIMENTO DA ARTE NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Desde o início dos tempos o estético e o artístico constituem-se em formas para se conhecer e explicar o mundo. A simbolização é uma forma de humanização. O mundo em que se está inserido é sentido, observado, pensado e representado por meio de diferentes formas. É nessa capacidade de sentir e representar que o homem constrói significados para seus sentimentos, necessidades e para o próprio conhecimento (BOSSI, 2011).

A linguagem artística, assim como as outras linguagens, e uma forma de comunicação e expressão, contudo, possui características próprias, ou seja, seus produtos são socialmente construídos. Por isto, entende-se que a linguagem artística é um instrumento que vai mediar a construção da identidade cultural dos alunos.

Neste contexto, a linguagem artística vai assumir na escola dois papeis igualmente importantes: inicialmente atua como forma de comunicação e expressão das informações advindas das diferentes áreas de conhecimento e, além disso, em torno da Arte há toda uma construção histórica que justifica a sua compreensão enquanto área de conhecimento própria (BOSSI, 2011).

Por muito tempo, a escola percebeu a Arte apenas como um recurso que viabilizava a construção de conhecimentos das demais áreas. Com o passar dos tempos, as mudanças na maneira de se conceber a Educação e a própria Arte permitiram novos significados que foram se articulando e dando corpo para o que se chama, atualmente de Arte-conhecimento na escola (VITALI, 2022).

A história da educação mostra que, a depender da maneira como a educação foi concebida era a compreensão que se tinha da Arte e a maneira como desenvolvia propostas para o trabalho com os alunos. Assim, segundo Biasoli (2019, p.90) "o conceito de Arte foi objeto de diferentes interpretações: Arte como técnica, como produção de materiais artísticos, como lazer, como liberação de impulsos, como expressão, como linguagem, como comunicação".

Pontes (2021) destaca que:

Enquanto linguagem forjada no movimento cultural a Arte envolve a expressão individual e coletiva de sentimentos e valores da cultura; há um fazer que dá forma à expressão e envolve técnica, construção de habilidades, utilização de instrumentos e conhecimento da sintaxe da linguagem. A escola tem tomado esses aspectos em separado e atribuído a eles funções diversas, fragmentando as dimensões da Arte em função de objetivos alheios à área. Os usos e significados para a Arte foram articulados na relação entre os princípios da educação e o que a área de Arte poderia oferecer para objetivar tais princípios (PONTES, 2021, p.34).

No início do século XIX. Os avanços na área da psicologia aliado às ideias de uma escola democrática deram origem a um movimento que ficou conhecido como Escola Nova, que traz propostas visando mudanças no fazer pedagógico e nos princípios educacionais, contrapondo-se ao autoritarismo docente e a reprodução de conteúdo que caracterizava a escola tradicional.

A Nova Escola surge tendo como pressuposto colocar o aluno no centro do processo ensino-aprendizagem, buscando compreender como ele aprende e como priorizar seus interesses e suas necessidades (BIASOLI, 2019).

Neste contexto, a Arte passa a ser compreendida como enquanto um produto interno que reflete a organização mental, cabendo à ação docente permitir ao aluno expressar seus sentimentos e emoções por meio do fazer artístico. A Arte, portanto, é expressada e não ensinada. A criança busca seu próprio modelo sem que este seja oferecido pelo professor, cujo papel passa a ser a de um facilitador, que organiza o espaço, o tempo e os recursos necessários.

Barbosa (2018) explica que:

Se antes a escola prestava pouca atenção às necessidades das crianças, os progressistas supervalorizavam aquelas necessidades, se as aulas tradicionais eram rigidamente organizadas, os progressistas eram excessivamente cautelosos com qualquer tipo de ordem; se a educação tradicional estava

destinada aos objetivos pré-estabelecidos, os progressistas frequentemente deixavam as aulas fluírem; se a educação tradicional influenciava as particularidades individuais dos educandos e seu desenvolvimento, os progressistas enfatizaram erroneamente a necessidade de ensinar apenas o que a criança queria aprende (BARBOSA, 2018, p. 81).

Observa-se que, enquanto a Escola Nova contrapunha aos princípios da escola tradicional, no campo da Arte, o movimento que surgia visava a valorização da arte produzida pela criança enquanto produções criativas e originais.

Desta forma, a educação centrada na criança e na maneira como ela aprende influencia a maneira de se conceber a Arte no contexto educacional que. Contudo, as ideias escolanovista causaram equívocos importantes, como o de dar grande ênfase na maneira como a criança aprende e pouca atenção à atuação do professor neste processo. Trata-se de um equívoco que a educação contemporânea tem buscado superar.

Nos anos de 1980, houve o que chamamos de movimento Arte-Educação momento em que as ideias e princípios que a fundamentaram foram ampliadas e discutidas dando ênfase à valorização da Arte no contexto escolar. O movimento ampliou-se por todo o país por meio de encontros e eventos realizados por universidades, associações de Arte-educadores, entidades públicas e particulares, sendo o objetivo principal rever e propor novos encaminhamentos à ação educativa em Arte (BARBOSA, 2022).

Em 1996, quando foram iniciadas as discussões sobre a nova LDB, houve vários protestos por parte de educadores sobre uma nova versão da lei que queria retirar a obrigatoriedade da área do currículo.

Com a LDB n. 9394/1996, revogavam se as considerações anteriores e a Arte passaram a ser considerada obrigatória na Educação Básica. Assim está definido no título V, cap. II, sessão I, artigo 35:

O ensino da Arte constituirá componente obrigatório, nos diversos níveis da Educação Básica, para desenvolver a criatividade, a percepção e a sensibilidade estética respeitada às especialidades de cada linguagem artística, pela habilitação em cada uma das áreas, sem prejuízo da integração das Artes com as demais disciplinas (BRASIL, 1996).

Com isso percebe-se a importância do movimento Arte-Educação que proporcionou muitas oportunidades de discussão nas escolas que fizeram com que surgissem novas metodologias para o ensino-aprendizagem de Arte nas escolas (BARBOSA, 2018).

Entende-se desta forma que, historicamente a arte tem percorrido diferentes caminhos para que seja uma ciência reconhecida pela instituição escolar. Até a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional-9394/1996 a arte era ignorada enquanto área de conhecimento, fazia parte do currículo apenas como lazer ou entretenimento.

A nova LDB traz, no parágrafo 2º. do artigo 26 faz seguinte consideração sobre o ensino da Arte:

§ 2º. O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Trata-se de uma mudança não apenas de nomenclatura, mas de toda a estrutura envolvida em uma área de conhecimento, ou seja, de uma atividade esporádica cujo o maior objetivo era a recreação, a Arte passa a ser encarada enquanto uma área de produção significativa de conhecimento.

Artes visuais passa a ser então um conjunto de linguagens com manifestações artísticas variadas (pintura, desenho, recorte, modelagem, colagem, entre outros) e que tem na visão, o principal meio para aprecia-la. Enquanto linguagem, a Arte envolve uma série de significações, como a sensibilidade, a criatividade e o senso estético (BARBOSA, 2022).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Dentre as várias propostas que estão sendo difundidas no Brasil na transição para o século XXI, destacam-se aquelas que têm se afirmado pela abrangência e por envolver ações que, sem dúvida, estão interferindo na melhoria do ensino e da aprendizagem de arte. Trata-se de estudos sobre a educação estética, a estética do cotidiano, complementando a formação artística dos alunos.

Ressalta-se ainda o encaminhamento pedagógico- artístico que tem por premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica. (BRASIL, 2000, p. 31).

De acordo com Buoro (2013, p.25) a arte "é um produto de embate homem/mundo, ela é vida e, por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece". É por meio das linguagens artísticas que a criança entende o mundo e relaciona-se com ele.

Barbosa (2022) ressalta que o trabalho com Artes deve ter uma proposta triangular: o fazer, o apreciar e o refletir. Os três eixos devem ser trabalhados de forma contextualizada de modo que a produção e a apreciação desenvolvam de forma crítica.

Segundo a autora:

Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2022, p.18).

No processo de fazer arte, o percurso criador é desenvolvido no aluno em oficinas; ao se trabalhar a apreciação, desenvolve-se a capacidade de ler obras de arte, a desfrutar suas próprias criações, a dos colegas e das imagens do mundo natural e, ao refletir sobre a obra de arte, busca-se "uma interação com fontes informativas e informantes em que se faz a reflexão sobre a arte e sobre o papel da arte na educação" (KLAUSEN, 2023, p.14).

Na sala de aula, a criação artística dos alunos deve articular seus saberes com a cultura na qual estão inseridos. Sendo a escola um espaço onde a diversidade se faz presente, a criação artística sofre inúmeras influencias culturais, étnicas e religiosas, repercutindo, valorizando e significando a cultura de cada um.

De acordo com Barbosa (2018):

Sem conhecimento da arte e história não é possível a consciência da identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos (BARBOSA, 2018, p. 33).

Portanto, a ação educativa deve ter como princípio desenvolver o potencial de cada aluno a partir de sua interação com os objetos socioculturais, como também de ampliar seus horizontes apresentando-lhe conceitos e produções que vão além do contexto em que estão habituados.

A este respeito, Klausen (2018) ressalta que:

A escola também se torna importante para os alunos, assumindo um papel de mediadora dessa educação, através do acesso à informação artística para toda a comunidade escolar, proporcionando o espaço, a produção e estendendo esta produção para fora da escola, procurando parcerias com instituições que compartilhem com este pensar artístico. Um pensar que renova, motiva e valoriza todos os alunos, sem excluir, mas incluindo e, por vezes, focalizando especialmente alunos com necessidades especiais. Quando os mesmos possuem uma base e um aporte do docente em artes e da comunidade escolar, há um crescimento individual que contribui ainda para a ampliação do crescimento coletivo (KLAISEN, 2018, p. 15).

Dentro desta perspectiva, por meio da arte o aluno tem a possibilidade de participação da vida cultural da cidade. No contexto escolar o ensino de artes visuais tem acontecido por diferentes caminhos no que concerne às práticas e concepções de trabalho. Esses diferentes caminhos refletem as mudanças socioculturais próprias do mundo contemporâneo e da arte que é produzida neste contexto. As artes visuais apresentam, nos dias atuais, inúmeras possibilidades de se pensar em propostas pedagógicas que contemplem a diversidade de produções artísticas (FREITAS, 2017).

Além deste horizonte abrangente e flexível que caracteriza as artes visuais na atualidade, as mudanças na legislação educacional bem como as tendências pedagógicas atuais permitiram que o ensino de artes visuais assumisse a posição de disciplina necessária para a formação educacional do aluno (FREITAS, 2017).

Uma mudança importante foi a trazida pela

nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no. 9394/1996 que excluiu o termo Educação Artística substituindo-o pela disciplina Artes que se desenvolve por meio de quatro linguagens- música, teatro, artes visuais e dança, provocando mudanças significativas na maneira de pensar o ensino da disciplina.

Tais mudanças fazem com que o professor reflita sobre as especificidades de cada linguagem e em como abordar cada uma delas na sala de aula, evitando, com isso, propostas de atividades superficiais que vão à contramão de um propósito educacional que seja, de fato, significativo. Na tendência contemporânea, o ensino das Artes Visuais está vinculado à função social do ensino na atualidade, ou seja, além de desenvolver a criatividade, a sensibilidade, a percepção estética, a contemplação, a fruição e a leitura formal, ou seja, ajudar os alunos que passam pela escola a entender a realidade e a cultura da qual se está inserido (KLAUSEN, 2018).

Portanto, faz se necessário reafirmar a importância que a Arte tem na formação sociocultural do aluno, como destaca Barbosa (2018):

Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A arte, como linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursivas e científica (BARBOSA, 2018, p. 16).

Neste sentido, cabe aos educadores promoverem um trabalho com a disciplina capaz de despertar no educando o gosto pela aprendizagem dos conteúdos desta disciplina.

Com relação ao trabalho com artes visuais, A BNCC (2017) orienta que seu aprendizado deve colaborar para que os alunos tenham acesso a um conjunto de práticas que lhes permitam articular imaginação, percepção, sensibilidade em produções artísticas individuais e em grupo.

De acordo com Ferraz e Fusari (2021):

Para desenvolver um bom trabalho de Arte o professor precisa descobrir quais são os interesses, vivências, linguagens, modos de conhecimento de arte e práticas de vida de seus alunos. Conhecer os estudantes na sua relação com a própria região, com o Brasil e com o mundo, é um ponto de partida imprescindível para um trabalho de educação escolar em arte que realmente mobilize uma assimilação e uma apreensão de informações na área artística (FERRAZ E FUSARI, 2021, p. 22).

Trata-se, pois, de um trabalho que envolve tanto os aspectos cognitivos como os aspectos afetivos que se inicia na relação professor/aluno e estende-se para todas as relações que são estabelecidas no contexto escolar, sejam elas entre pares ou entre alunos e objeto de conhecimento.

Segundo a BNCC (2017) todo o trabalho na área de arte a ser proposto para os alunos deve garantir o desenvolvimento de “modos imaginativos, interessantes e criadores de pensar e comunicação”.

Por isso é importante que o ensino de arte não esteja desvinculado de uma concepção de ensino que esclareça quais são os posicionamentos que a educação escolar está assumindo e qual a linha teórico-pedagógica está sendo adotada (FERRAZ E FUSARI, 2021).

O ensino de artes visuais permite trabalhar com um universo amplo de possibilidades, com produções imagéticas infinitas que constituem as manifestações artísticas contemporânea.

Neste sentido, Freitas (2017) destaca que:

São considerados objetos do ensino em artes visuais, atualmente, não só as manifestações tradicionalmente reconhecidas como arte –pintura, escultura, desenho, gravura, fotografia, etc. – como também a multiplicidade de imagens que fazem parte do nosso cotidiano, dentre as quais estão o artesanato, a publicidade, o design, a moda, e as produções mais recentes que envolvem as tecnologias, como a vídeo-arte, as instalações e as performances (FREITAS, 2017).

Figueiró (2021) considera a Arte uma área ainda em construção, cujo ensino foge do padrão adotado por outras áreas do conhecimento por ser uma disciplina que não está relacionada diretamente com os conteúdos historicamente valorizados pela escola como a disciplina de matemática e língua

portuguesa.
O autor ainda destaca que, embora a LDB tenha conferido a disciplina um caráter de obrigatoriedade para o desenvolvimento cultural dos alunos, seu ensino não ganhou em qualidade, primeiro por esta disciplina ser lecionada por professores sem formação específica e depois por ela ainda ser utilizada para cobrir a ausência de professores de outras disciplinas. Portanto, o ensino da arte é um desafio para a escola e para o professor (FIGUEIRÓ, 2021).

A RELAÇÃO ENTRE ARTE E AS IMAGENS DO COTIDIANO

As representações de imagens fazem parte do cotidiano do ser humano desde os primórdios da civilização, um exemplo são os registros encontrados nas paredes de cavernas em diferentes partes do mundo e que, facilmente é possível identificar que tais pinturas representam cenas do dia-a-dia. Desde os primeiros registros de caçadas, danças, algumas cenas que indicavam algum ritual, o homem aprimorou sua forma de registrar, porém, nunca mais deixou de realizar esta tarefa, ou seja, a necessidade de se expressar faz parte da própria essência do ser humano. Nos dias atuais, as imagens que nos rodeiam é também uma maneira de representar o contexto social, com interpretações diferentes, trata-se de olhares diferenciados sobre a casualidade do cotidiano (KLAISEN, 2018).
Com o advento do processo de globalização, o volume de informações a que temos acesso e a velocidade com que elas chegam até nós, ampliou infinitamente nossa possibilidade de adquirir conhecimento sobre os mais variados assuntos e isto se estende também para o acervo de imagens que nos estão disponíveis. Contudo, está novidade do mundo contemporâneo acaba por estimular um olhar indiferente e superficial, nos tornando receptores passivos do que nos oferecem. Estamos nos tornando desprovidos de senso crítico e da capacidade de refletir sobre o que nos é apresentado (FIGUEIRO, 2021).
Jornais, internet, propagandas, revistas, televisão, todos juntos formam um conjunto de elementos que estão a todo o momento transmitindo informação sobre nossa cultura e o mundo em que vivemos, por meio de sua visualidade. A arte também acompanhou as mudanças que ocorreram através dos tempos, acompanhando os avanços tecnológicos, tornou-se acessível para um número maior de pessoas. Saiu do seio da elite e dos museus famosos para ocupar lugares não convencionais. No entanto, nosso olhar sobre ela não acompanhou as mudanças, falta-nos uma sensibilidade no olhar para perceber estas representações (KLAISEN, 2018).
Obviamente este olhar é influenciado pelo contexto cultural no qual estamos inseridos, desta forma, se não podemos dizer que somos produtos da cultura a que estamos inseridos, não podemos negar que ela exerce influência sobre nós, dando sentido à nossa realidade.
De acordo com Dondis (2021, p.07), "a experiência visual humana é fundamental no aprendizado para que possamos compreender o meio ambiente e reagir a ele; a informação visual é o mais antigo registro da história humana".
Ou seja, através do olhar o ser humano tem a possibilidade de significar sua realidade e as experiências vividas, por esta razão, é necessário educar nosso olhar em uma perspectiva apontada por Hernandez (2020) que, em seus estudos, destaca que, uma forma de educar o olhar é estimular a valorizar sua cultura e a conhecer e apreciar outras manifestações culturais:

> Não se trata de aprender a ler uma imagem (como identificação de elementos visuais isolados), mas sim de conhecer criticamente as diferentes manifestações artísticas de cada cultura (e não só as obras de arte definidas como tais pela cultura ocidental e recolhidas em seus museus e enciclopédias). E se conhecer é o primeiro passo, a reflexão sobre o visual como forma de interpretação da própria cultura seria outro. (HERNÁNDEZ, 2020, p. 78).

Desta forma, se cada cultura apresenta uma maneira diferente de ver o mundo e agir sobre ele, e os meios de comunicação tem se demonstrado um divulgador da cultura por excelência, um transmissor de conceitos e um norteador do funcionamento da cultura.

ARTE CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO

No mundo atual em que a imagem assume um espaço importante e a crítica desta imagem algo próprio da contemporaneidade, o artista contemporâneo reprocessa uma infinidade de linguagens ressignificando a sua pesquisa e sua poética, ou seja, a arte se torna a invenção e crítica em si mesmo (pimenta, 2017)

É importante compreender o conceito de moderno e contemporâneo para melhor compreender as características da arte neste período, como bem destaca Cauquelin (2015):

Para apreender a arte como contemporânea, precisamos estabelecer certos critérios, distinções que isolarão o conjunto dito "contemporâneo" da totalidade das produções artísticas. Contudo, esses critérios não podem ser buscados apenas nos conteúdos das obras, em suas formas, suas composições, no emprego deste ou daquele material, também não no fato de pertencerem a este ou aquele movimento dito ou não de vanguarda (CAUQUELIN, 2015, p. 11).

Neste sentido, Pimentel (2017) aponta que:

As questões de arte contemporânea são complexas, como é complexo o tempo contemporâneo. Ser contemporâneo é caminhar com o tempo. Supõe o presente, o agora a cada momento. Pode-se viver esse tempo passando ao largo dele ou influenciando-o, sendo influenciado e projetando-o para tempos antes e depois (PIMENTEL, 2017, p. 290).

Portanto, para incluir a Arte Contemporânea no ensino de artes faz se necessário tanto uma revisão nos métodos de ensino, como também uma nova postura por parte do professor, pois ao ser trabalhado com o aluno ela pode levá-lo a desenvolver trabalhos a partir da análise de seu próprio cotidiano e, com isso, a experiência vivida se torna mais visível do que a própria experimentação artística.

Desta forma, a análise de obras de arte deverá acontecer a partir das experiências vivenciadas pelos alunos e isso colabora para que a construção do conhecimento se torne mais prazerosa, pois a ênfase estará no processo e não no produto e, o processo inclui o questionamento, as descobertas, a investigação e a continuidade do trabalho (PIMENTEL, 2017).

Ao refletir sobre o papel do professor, Buoro (2013) destaca que:

Cabe a nós, educadores, adotar a mesma postura inquieta de pensadores e pesquisadores permanentes, devendo para isso buscar formação contínua e investimento em novos conhecimentos, uma vez que só podemos ensinar, aquilo que efetivamente sabemos (BUORO, 2013, p. 25).

A autora nos faz considerar que, não basta para o professor ter a formação em Arte, ele precisa se responsabilizar pelo próprio processo de formação se tornando um professor/pesquisador que busca constantemente novos olhares e novos paradigmas.

Martins (2008, p.72), ao colocar que "a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela" evidencia a arte como uma condição indispensável, mas traz também para a escola a incumbência de trata-la como uma área do conhecimento para que se possa, de fato, contribuir com o desenvolvimento cultural dos alunos.

Segundo Agostinette e Cavalcanti (2017):

Trabalhar com a arte contemporânea exige do professor uma segurança em relação ao conteúdo, que conheça o assunto de modo aprofundado para conduzir discussões produtivas e orientar seus alunos as novas descobertas, pois um dos aspectos do objeto de arte é que ele seja interpretativo, depende do ponto de vista do observador, e é impossível o professor de arte abarcar todas as interpretações, assim considera-se que cada conteúdo tem sua própria gama de informações e conhecimentos potenciais, que ajudarão o professor a auxiliar seus alunos nos processos de significação do conteúdo (AGOSTINETTE, CAVALCANTE, 2017, p. 13).

Desta forma, o professor dever ser um mediador entre o objeto de conhecimento, que é a arte e o aluno, apresentando o conteúdo, estimulando a reflexão, ajustando seu ensino às necessidades de aprendizagens de seus alunos, para que os mesmos participem efetivamente de seu processo educativo. A ação do professor deve estar pautada na construção de contextos que articulem

conteúdos e experiências de vida (dele e de seus alunos), num todo que tenha significado do ponto de vista do aluno.

Agostinette e Cavalcante (2017) destacam ainda que o professor necessita dominar o conhecimento de modo a sentir segurança ao trabalhar com o conteúdo. Mais do que uma necessidade, tal domínio torna-se uma exigência para que o professor consiga mediar o encontro do aluno com o objeto (artista, obra, técnica), articulando os conhecimentos que serão construídos a partir deste encontro,

Além de dominar seu conteúdo, o professor também necessitar ser dinâmico, realizar as intervenções necessárias e em momentos oportunos, estimulando a reflexão e oferecendo informações pertinentes que potencializam o processo de análise e reflexão sobre o objeto (VITALI, 2020).

De acordo com Vitali (2020, p. 38), "na formação em arte o plano da subjetividade dialoga com as informações e orientações oferecidas pelo professor". Com isso, para que o aluno esteja preparado para o futuro, ele necessita saber acompanhar as mudanças e transformações de seu tempo por meio de uma sólida formação, sem dúvida, a arte contribui nessa formação por "incluir as formas simbólicas que dizem respeito à humanização de todos os tempos e lugares".

CONCLUSÃO

Existem diferentes maneiras da linguagem se processar, no entanto, o que elas têm em comum é a sua finalidade, ou seja, independente de qual recurso ou característica, a linguagem sempre tem como objetivo a comunicação entre os seres e garantir que sentimentos e ideias sejam expressados. Muitas vezes, o resultado pode ser uma música ou um poema, ou até mesmo uma conversa.

O fato é que, desde os primórdios o homem apropriou-se da linguagem para se comunicar e, uma delas, talvez a primeira, tenha sido a arte que, utilizando das paredes das cavernas, evoluiu e incorporou novos elementos e recurso para tornarse uma ideia concreta, copiar algo ou até mesmo criar algo até então inimaginável.

A obra de arte é uma linguagem, mas não é algo acabado, pronto, definido por antecipação, ela é refém do olhar e da significação do observador que, a partir de suas próprias vivencias a interpreta. Neste contexto, ao estudar este tema foi possível compreender que o ensino da arte bem como das demais disciplinas só se torna significativo para o aluno se estiver pautado em objetivos que levem a transformação, seja ela intelectual, cultural, moral ou espiritual. O trabalho com Arte Contemporânea é muito rico por propiciar o contato com ideias novas, exercitar a capacidade de imaginar e se indagar pois, diante de uma obra de arte contemporânea não há como não se sentir indagado e incomodado a conhecer sobre o artista, os materiais utilizados e o contexto em que a obra foi realizada.

O grande desafio imposto ao professor de arte contemporânea talvez seja o de desvincular de seus alunos o "eu não gosto de arte contemporânea" do "eu não entendo arte contemporânea" e ele conseguira tal proeza na medida em que os auxiliar a encontrar significados para o que se observa, desenvolvendo um olhar cada vez mais crítico e sensível.

Trabalhar com a Arte Contemporânea com os alunos é uma maneira de exercitar o desenvolvimento deste olhar e instiga-los a reconhecer a importância desta corrente artística no contexto da história da arte. Um movimento que traz, em seus conceitos, mais visualização e menos expressão, com produções que brincam com as percepções ópticas do observador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINETTI, L. C., CAVALCANTI, J. D. Arte contemporânea: o novo que assusta. Disponível em www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/20208.pdf. Acesso em 15 de outubro de 2024.

BARBOSA, A. M. Teoria e prática da educação artística. São Paulo: Cultrix, 2018.

BARBOSA, A. M. Arte-Educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2022.

BARBOSA, A. M. (Org.). Arte-Educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional– LDB(EN) 9394/96 – Seção II. Art. 29.

BIASOLI, C.L. A formação do professor de

Arte: do ensino à encenação. São Paulo: Papirus, 2019.
BUORO. A. B, Olhos que pintam – a leitura de imagem no ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2013.
CAUQUELIN, A. Arte contemporânea: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
FERRAZ, M.H.; FUSARI, M.F.R. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2021.
FREITAS, S. C. Arte e cidade como fundamento para o ensino de artes visuais: uma proposta de formação continuada para os professores da rede pública municipal de João Pessoa. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 16., 2017, Florianópolis. Anais. São Paulo, 2007.
FONSECA, F. L. Produção de Op Art com o auxílio de ferramentas digitais. Disponível em WWW.insite.pro.br. Acesso em 15 de outubro de 2024.
FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: http://www.ia.ufrrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-20221/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf. Acesso em 15 de outubro de 2024.
MANGUEL, A. Lendo imagens. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
MARTINS, M. C. Didática do Ensino de Arte. São Paulo: FTD, 2018.
NORONHA, D. P; FERREIRA, S. M. S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CONDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.) Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG, 2020.
PIMENTEL, L. G. Formação de professoras: ensino de arte e tecnologias contemporâneas. In: OLIVEIRA, Marilda de Oliveira (Org.). Arte, Educação e Cultura. Santa Maria: UFSM, 2017. p. 289-291.
PONTES, G. M. D. A presença de artes na educação infantil: olhares e intenções. Dissertação de mestrado da Faculdade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.
VITALI, M. A. Construindo olhares, ampliando repertórios: encontros e (des) encontros. Disponível em www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00004B/00004B45. Acesso em 15 de outubro de 2024.